



DOI: 10.31416/rsdv.v9i3.2

## **Unidade didática para o ensino das práticas corporais de aventura no ensino médio integrado**

*Didactic unit for teaching adventure body practices in integrated high school*

SILVA JUNIOR, Edmilson Pereira e. Mestre/ Discente Egresso do Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano-IF Sertão Campus Salgueiro. Salgueiro -PE -Brasil. CEP: 56000-000./ Telefone: (89) 3522-2716/ E-mail: rga@ufpi.edu.br

OLIVEIRA, Fábio Freire de. Doutor/Docente do curso de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano-IF Sertão Campus Salgueiro. Salgueiro -PE -Brasil. CEP: 56000-000. / Telefone: (87) 2101 2350/ E-mail: fabio.freire@ifsertao-pe.edu.br

SOUSA, José Carlos de. Doutor/Docente da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

Universidade Estadual do Piauí, Campus Dr<sup>a</sup> Josefina Demes, Floriano-PI-Brasil. CEP: 64800-000. / Telefone: (89) 3521-6812/ E-mail: garotinhopi@gmail.com

### **RESUMO**

Esse trabalho teve como objetivo principal elaborar, desenvolver e avaliar uma unidade didática para o ensino das Práticas Corporais de Aventura (PCA) no Ensino Médio Integrado. Essa é uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa e do tipo descritivo exploratória. A coleta das informações se deu mediante a aplicação de questionário semiestruturado e através de observações feitas pelo pesquisador. Para a análise e interpretação dos dados foram utilizadas as técnicas de Análise de Conteúdos Temático proposto por Bardim (2004). Participaram da pesquisa 71 alunos do ensino médio integrado. Pode-se afirmar que as metodologias utilizadas foram avaliadas positivamente pelos alunos mostrando-se favorecer melhoria no aprendizado e intencionalidade de participação dos indivíduos. Avalia-se que a proposta de unidade didática de PCA ocorreu de forma positiva, tendo grandes contribuições pedagógicas para a educação física e formação dos educandos, podendo ser tematizada e aplicada pelos professores de educação física no ensino médio integrado.

**Palavras- chave:** Praticas de Aventura, Unidade Didática, Ensino Médio Integrado.

### **ABSTRACT**

The main objective of this work was to design, develop, and evaluate a teaching unit for the teaching of Body Practices of Adventure (PCA) in Integrated High School. This is a field research, with a qualitative and descriptive exploratory approach. The information was collected through the application of a semi-structured questionnaire and through observations made by the researcher. For the analysis and interpretation of the data the techniques of Thematic Content Analysis proposed by Bardim (2004) were used. A total of 71 integrated high school students participated in the research. It can be stated that the methodologies used were positively evaluated by the students, showing to favor improvement in learning and intentionality of participation of the individuals. It is evaluated that the proposal of didactic unit of PCA occurred in a positive way, having great pedagogical contributions for physical education and formation of the students, being able to be thematicized and applied by physical education teachers in integrated high school.

**Keywords:** Adventure Practices, Didactic Unit, Integrated High School.



## Introdução

Ao longo do tempo a educação vem se transformando e ganhando novos formatos, tanto no que se refere as práticas pedagógicas como nas diretrizes curriculares, tudo isso para garantir ao educando apropriar-se dos elementos da cultura e dos conhecimentos para o exercício crítico da cidadania, para as práticas sociais, sua emancipação e qualidade de vida.

Nessa perspectiva a educação física escolar também vem passando por um período de busca para aquisição de novos conhecimentos relacionados às diversas manifestações da cultura corporal de movimento. É preciso a busca pelo novo para auxiliar na construção de práticas pedagógicas que maximizem e possibilitem o professor subsidiar não mais apenas atividades baseadas no exercitar-se e na reprodução de modalidades de rendimento esportivo (FREITAS et al., 2016).

Introduzir as Práticas Corporais de Aventura (PCA) na educação física escolar oportuniza novas situações de aprendizagens como experiências pouco habituais, permitindo aos alunos a superação de limites pessoais em atividades de risco controlado (FRANCO, TAHARA e DARIDO, 2018).

As PCA favorecem o desenvolvimento humano em seus diversos aspectos, pois envolvem processos pedagógicos catalisadores de competências cognitivas, psicomotoras e socioafetivas, permitindo novas atitudes de espectro interdisciplinar (PEREIRA e MONTEIRO, 1995 citado por PAIXÃO, 2017).

Além de tudo isso as atividades de aventura são um dos seis temas das unidades temáticas na educação física proposta pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propondo atender diversas competências gerais para o ensino médio e específicas da área de linguagens e suas tecnologias, a qual a educação física faz parte, pressupondo cumprir com várias das habilidades a serem desenvolvidas (BRASIL, 2018).

A implantação das PCA no ensino médio integrado justifica-se por vários aspectos, pois se constituem por blocos de conteúdos e atividades que permitem diferentes situações com alta relevância pedagógica devido a transmissão eficiente de valores, atitudes e normas. Ainda permite aprendizagem de conceitos integrados em distintos âmbitos do conhecimento (TAHARA e CARNICELLI FILHO, 2012).

Partindo dos argumentos apresentados é de fundamental importância sistematizar os conteúdos e as metodologias voltadas para as PCA em um material para possibilitar horizontes ao professor de educação física na implantação dessas atividades no contexto escolar, permitindo superar as dificuldades de operacionalização, de controle e legitimidade desses conteúdos, pois muitos docentes nunca tiveram experiências acerca dessas atividades e muito menos conhecimento técnicos e práticos para executar as PCA.

Visto tudo isso pode-se levantar as seguintes indagações: Como organizar uma unidade didática com conteúdo de aventura para o ensino médio integrado? Como os alunos avaliariam o processo de implementação e desenvolvimento de uma proposta de PCA na escola? Quais seriam as dificuldades e os benefícios encontrados ao inserir essas atividades no ensino médio integrado?

Tendo intenção e a necessidade de promover contribuições acerca da inserção das PCA no contexto escolar este trabalho teve como objetivo geral elaborar, desenvolver e avaliar uma unidade didática para o ensino das práticas corporais de aventura no ensino médio integrado. Os



objetivos específicos são: criar e aplicar a unidade didática no ensino médio integrado do IFPI Campus São Raimundo Nonato; relatar e analisar as opiniões dos alunos em relação atividades propostas, bem como o impacto dessas atividades e das metodologias utilizadas através de uma dissertação; criar a partir das experiências vividas pelo pesquisador um produto final contendo uma unidade didática para o ensino das PCA no ensino médio integrado.

### **Caracterizações gerais das práticas corporais de aventura**

É difícil estabelecer uma cronologia de episódios e fatos que estabeleçam a gênese de práticas de aventura, pois essas atividades têm acompanhado o próprio desenvolvimento da humanidade, pois sabe-se que há tempos remotos já havia presença do ser humano nas cavernas, em travessias de montanhas, explorações e outras conquistas (FRANCO, CAVASINI e DARIDO, 2014).

Há indícios de que essas atividades radicais como se conhece atualmente já eram praticadas há muito tempo. A prática de atividades físicas no meio natural, encontradas ainda selvagens, oferecendo desfrutar de seus elementos naturais em meios aquático, terrestre ou aéreo, são descritas desde o século XIX e identificadas enquanto práticas de lazer em meados da década de 70 (SOUSA e ARAÚJO, 2016).

De acordo com Pereira e Armbrust (2010, citado por TAHARA, 2017) os esportes radicais são consideradas novas dentro da cultura esportiva, logo difundiram-se efetivamente e ganharam vários adeptos apenas a partir da década de 1990, principalmente ao fato da ampla divulgação pela mídia, a disseminação como atividade de lazer, o turismo na natureza além da expansão globalizada do comércio em torno desse segmento.

Inácio et al. (2016, citado por BUNGENSTAB et al., 2017, p.32) conceitua as práticas corporais de aventura como sendo aquelas “[...] realizadas distante dos centros urbanos, com risco controlado, com o objetivo de estabelecer outra relação com a natureza e com a lógica mercadológica e tecnicista da vida”.

Já Freitas et al. (2016, p.6) acrescenta que “as PCA podem ser entendidas como aquelas manifestações realizadas em meio natural, urbano ou mesmo artificiais, tendo como principal característica envolver risco controlado”.

Apesar das contraposições de alguns estudiosos sobre os locais das atividades de aventura, todos sinalizam que o termo nos remete a práticas corporais envolvendo vivências com risco eminente (FREITAS et al., 2016).

Paixão (2017) descreve que essas atividades se manifestam e vale das energias dos elementos da natureza, como vento, ondas térmicas, correntezas, declives de montanha (surf, rafting, canoagem, asa delta, ski, entre outras), além de força energética exterior proveniente de uma máquina motorizada (motociclismo, automobilismo, ultraleve, ski náutico).

Quando se observa as dimensões terminológicas para tratar de práticas de aventura, deparamo-nos com vários termos utilizados na literatura, como: “esportes de californianos”; “esportes na natureza”; “esportes radicais”; “esportes de aventura” (FRANCO, TAHARA e DARIDO, 2018).



Neste estudo usa-se o termo “Práticas Corporais de Aventura” (PCA), logo esses mesmos autores também os utilizam como tal, além da própria Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

“Essa opção promove um sentido mais sistematizado a este conjunto de práticas, as quais devem se fazer presentes como um dos conteúdos das aulas de Educação Física na escola, sejam elas realizadas em contexto urbano ou na natureza” (FRANCO, TAHARA e DARIDO, 2018, p.69).

Para classificação das PCA se recorre a proposta da BNCC onde se diferenciam quanto ao ambiente onde são praticadas, na natureza (explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante, gerando a vertigem e o risco controlado) e no meio urbano (produzir essas mesmas condições no ambiente natureza em locais artificiais), sendo esses conteúdos propostos para o ensino fundamental, onde as práticas realizadas meio urbano são para 3º ciclo (6º e 7º anos) e as práticas na natureza devem ser no 4º ciclo (8º e 9º anos) (BRASIL, 2017).

A seguir se traz a classificação mais adequadas para a realidade escolar brasileira, levando em consideração pressupostos da BNCC.

**Quadro 1 - Classificação das Práticas Corporais de Aventura**

Modalidades praticadas na natureza	Praticadas no meio urbano
Corrida de aventura	Skate
Corrida de orientação	Slackline
Arvorismo	Parkour
Escalada	Ciclismo
Mountain bike	Patins
Trekking	Patinete
Tirolesa	
Rapel	

Fonte: Autoria Própria, 2019.

### Possibilidades das PCA no contexto escolar

Sabendo-se dessas considerações vários estudos mostram um leque de opções e possibilidades para implantar as PCA no ambiente escolar. Propostas de atividades físicas a partir de atividades populares sobre rodas (patins, mountain bike, skate, etc.) e corridas de orientação/enduro a pé são uma boa maneira de se introduzir em qualquer dos níveis da educação básica as atividades de aventura (FRANCO, 2010).

“Um outro exemplo é a corrida de orientação cooperativa, com utilização de mapas (croqui) dos locais em que se processará a atividade e também a criação e uso de bússolas e de cartas topográficas” (FRANCO, 2011 citado por TAHARA, 2017, p.56).

Outra aplicação do conhecimento de orientação exemplifica-se pela familiarização com as outras disciplinas tais como Geografia, Biologia, Matemática, História etc., além disso possibilita o aprendizado da latitude, longitude, leitura cartográfica, regras de conservação do meio ambiente, ângulos, cálculos, endurance, força, velocidade, escalas, vegetação, características do relevo, etc (SANTANA, 2013).

Tahara (2017) acrescenta a realização de um trekking (caminhada) próximo ao entorno escolar ou ainda uma corrida de orientação dentro da própria escola, podendo aproveitar até



mesmo caixas de papelão no intuito de simbolizar pranchas para descer pequenas elevações de terra ou areia, fazendo alusão ao sandboard.

Inácio (2017) cita em seu trabalho atividade de acampamento onde os alunos ajudam na montagem das barracas, as mochilas, a alimentação, e durante esse processo conhecem os materiais utilizados, cuidados com simbiose e a natureza, fundamentos de primeiros socorros, além de trabalho cooperativo (PEREIRA e MARINHO, 2013 citado por INÁCIO, 2017).

Trabalhar as práticas de equilíbrio em superfície flexível podem se dar por meio das atividades de slackline e falsa-baiana. defendem o que equilíbrio é elemento importante em muitas das práticas de aventura, sendo fundamental explorar essa valência nas aulas. No próprio estudo do autor é possível encontra uma unidade didática para o ensino do slackline e suas competências distribuídos em oito aulas (BUNGENSTAB et al., 2017)

Na oportunidade pratica-se o Arvorismo utilizando para isso a falsa baiana, adaptando a amarração em dois postes (ou árvores) com duas cordas de no mínimo 10 mm de espessura, ou até mesmo se pode utilizar a fita do slackline para substituir cordas (TAHARA e FILHO, 2012).

Aprofundando-se em estudos e conhecimentos, o professor poderá trabalhar ainda outras modalidades como a escalada, o rapel, além do Parkour, essas bem adaptáveis às estruturas comuns de grande parte das escolas (TAHARA, 2017).

Segundo Pereira, Carvalho e Richter (2008; TAHARA, 2017) a implementação da escalada no ensino médio pode trazer vários benefícios como a superação de limites pessoais, autoconfiança, aquisição de conhecimento através da expressão corporal, companheirismo e lições de educação ambiental.

“Para modalidades aquáticas pode-se conseguir câmaras de ar usadas, de pneus de caminhão, por preços acessíveis e transformá-las em material pedagógico para uso em corredeiras e/ou piscinas fazendo alusão, por exemplo, a boia cross e acqua rider” (TAHARA e DARIDO, 2016, p.128)

Tahara e Darido (2016) citam ser possível adaptar algumas práticas dependendo do contexto e da realidade local das instituições. Mas é preciso a disposição e compromisso dos professores em abordar este novo conteúdo, visto que se torna necessário capacitar-se e conhecer peculiaridades das práticas para se tematizar e explorar essas atividades nas aulas junto aos alunos.

Sabe-se que muitas escolas terão dificuldades de condições físicas e recursos materiais, além de professores incapacitados e descomprometidos com a implantação dessas atividades. Por isso é preciso que essas barreiras sejam saltadas, e de fato se efetive as PCA no contexto escolar, pois são muitas as contribuições e as possibilidades dessas atividades na formação do educando.

### **Aproximação das práticas corporais de aventura com ensino médio integrado**

Com as decorrentes mudanças nas relações de produção e capital houve a necessidade de difusão das técnicas de produção, preparando gerações futuras para continuar as diversas formas de ofícios no intuito de atender as demandas emergentes de bens e consumo. Nesse sentido era necessário que o trabalhador tivesse conhecimento técnico e domínio de seu ofício, sem



aprendizado pelo erro, produzindo rápido e com baixo custo. Em torno desse cenário pode-se afirmar que surgiu a educação profissional conhecida como hoje, sendo consolidada em meados do final do século XVIII, a partir da Revolução Industrial (VIEIRA e SOUZA JUNIOR, 2016).

O século XX traz à tona a preocupação com a preparação de operários para o exercício profissional, e a partir de 1909, após o Decreto n.º 7.566/1909, o estado brasileiro assume a educação profissional criando 19 escolas de artes e ofícios em distintas unidades da federação, sendo elas as precursoras das escolas técnicas estaduais e federais (ESCOTT e MORAES, 2012).

Na verdade, a relação “educação e trabalho” na educação brasileira alimentou-se de “[...] questões ventiladas por desigualdades sociais, cabendo ao ensino profissionalizante uma função assistencial, garantindo empregos não tão bem remunerados aos que dificilmente poderiam pleitear carreiras mais sólidas no ensino regular” (ARAÚJO et al. 2019, p.116).

A baixa escolaridade dos trabalhadores era menos importante, ocorria em detrimento da expansão econômica. Somente pelo decreto 2.208/97 sinalizaram-se mudanças no contexto da reforma da educação profissional, possibilitando uma imposição ao fim do vínculo qualificação/trabalho e a elevação dos níveis de escolaridade (PAULA e MACHADO, 2017).

Paula e Machado (2017) ainda relatam que apenas em 2004 com revogação do decreto 2.208/97 pelo 5.154/04 foi criando a oportunidade de articulação entre a formação profissional e a humanística. Apesar de ainda agregar às modalidades de articulação anteriormente previstas (concomitante e sequencial) criou-se a possibilidade de articulação entre o ensino médio e a educação profissional chamada de “Ensino Médio Integrado”.

Pacheco (2010; ESCOTT e MORAES, 2012) numa perspectiva de formação humanística e ruptura da dualidade entre formação intelectualizada e formação instrumental cita que os Institutos Federais IF's criados pelo Governo Federal através do Ministério da Educação (MEC) pela Lei Nº 11.892/2008 apontam para a ruptura da reprodução de modelos externos e toma a inovação a partir da relação entre o ensino técnico e o científico, articulando trabalho, ciência e cultura na perspectiva da emancipação humana. Hoje no Brasil o ensino médio e a educação profissional são regulamentadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). A educação profissional técnica de nível médio poderá ser desenvolvida de forma articulada com o ensino médio na forma integrada, preparando o aluno há habilitação profissional técnica de nível médio .

A BNCC (BRASIL, 2017) estabelece seu compromisso com essa formação reconhecendo que o ensino deve ser voltado para uma educação global, desenvolvendo ações voltadas para o acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento de suas singularidades e diversidades.

“A ideia de formação integrada busca garantir ao adolescente, ao jovem e ao adulto trabalhador o direito a uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política” (RAMOS, 2014, p. 86).

Araújo et al. (2015) elenca alguns princípios orientadores para organização dos currículos integrados: a contextualização, a interdisciplinaridade e o compromisso com a transformação social. A contextualização, segundo a autora, trata da íntima articulação dos conteúdos formativos com a realidade social, além dos projetos políticos dos trabalhadores em suas organizações sociais.



A interdisciplinaridade é entendida como o princípio do ápice da exploração das potencialidades de cada uma das ciências, objetivando compreender seus limites com o princípio da diversidade e criatividade.

A autora ainda entende que o compromisso com a transformação social estabelece vínculo com a teleologia do projeto de ensino integrado. A ação pedagógica se transforma em ação material, subordinando os conteúdos formativos aos objetivos de transformação social, chegando à emancipação (ARAÚJO et al., 2015).

Tahara e Carnicelli Filho (2012) citam que no contexto escolar as práticas corporais de aventura se constituem por bloco de conteúdos e atividades capaz de proporcionar às crianças e adolescentes diferentes situações com alta relevância pedagógica devido a transmissão eficiente de valores, atitudes e normas. Assume a aprendizagem de conceitos integrados em distintos âmbitos do conhecimento (interdisciplinar) além de permitir não somente o desenvolvimento de várias experiências motoras, mas proporcionar impacto emocional devido a predominância de características intrínsecas dessas atividades.

Um enlace inicial dos processos formativos com as atividades de aventura pode se dar através da educação ambiental. Essa aproximação entre o indivíduo e o meio ambiente permite interação com os elementos da natureza e as suas variações como sol, vento, montanha, rios, vegetação, lua, chuva, entre outros, permitindo atitudes de respeito, admiração e preservação (TAHARA e CARNICELLI FILHO, 2012).

As conexões das PCA com os objetivos educacionais envolvem processos pedagógicos específicos catalisadores de competências cognitivas, psicomotoras e socio-afetivas, sendo capazes de fomentar novas atitudes de espectro interdisciplinar (PEREIRA e MONTEIRO, 1995 citado por PEREIRA, 2017).

Araújo et al. (2015) cita a interdisciplinaridade como sendo um dos princípios orientadores para sua organização do currículo integrado, nesse sentido, as PCA junto a educação ambiental atendem as pretensões da educação integral.

Pode-se afirmar que as PCA corroboram com os princípios da BNCC quanto a formação integral, pois ela cita ser necessário aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades (BRASIL, 2017).

Os conteúdos de PCA contribuem diretamente para o desenvolvimento de valores, para a compreensão das normas comportamentais além das formas de conduta do indivíduo mediante determinada situação. (PAIXÃO, 2017)

“Permitem ao aluno a utilização do conhecimento adquirido não só no desenvolvimento das aulas, mas também em seu cotidiano” (SARABIA, 2000 citado por PAIXÃO, 2017, p. 176).

Visto todos esses apontamentos, fica claro que as PCA exercem forte relação com o ensino médio integrado e com a EPT, podendo fomentar o processo de formação do indivíduo consciente e colaborativo, que por meio das ciências, tecnologia e força produtiva podem contribuir não somente construção de sua própria identidade, mas para as transformações sociais.

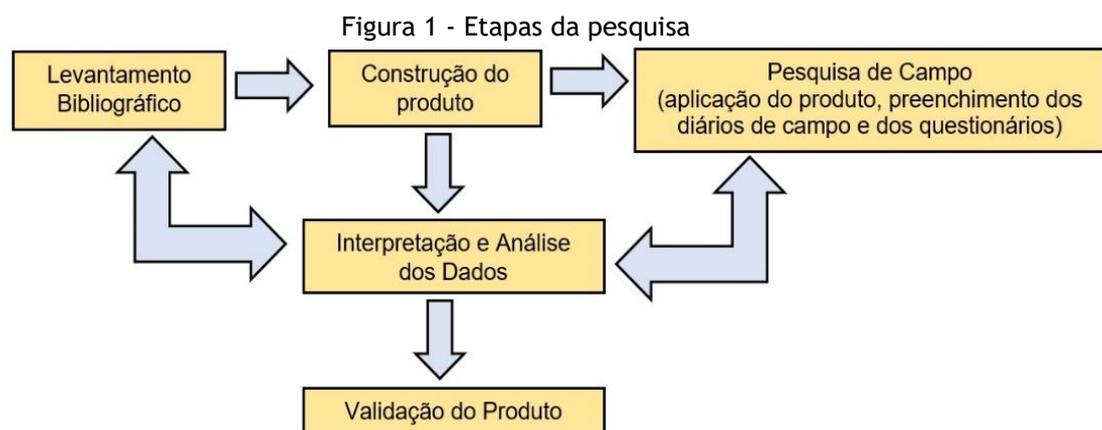
## Material e métodos

Esta é uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, sendo do tipo descritivo exploratória (THOMAS, NELSON e SILVERMAN, 2007). A pesquisa de campo se deu pelas seguintes etapas: entrega dos termos de compromisso e livre esclarecimento (TCLE); aplicação da unidade didática em 7 aulas; preenchimento dos diários de observação; aplicação do questionário junto aos alunos. A pesquisa foi desenvolvida no Instituto Federal do Piauí (IFPI) Campus da Cidade de São Raimundo Nonato - PI.

Os sujeitos da pesquisa se deram pelos alunos do Ensino Médio Integrado (EMI) ao técnico dos cursos em Administração e Informática. Participaram da pesquisa alunos do 1º ao 3º ano do EMI, de ambos os gêneros, com idades entre 14 e 18 anos. Foram incluídos os alunos que aceitaram participar da pesquisa com a assinatura dos termos de assentimento e livre esclarecimento. Foram esclarecidos a todos os alunos os objetivos do estudo, os riscos e benefícios da participação na pesquisa, e estavam descritos nos termos de assentimento e TCLE entregue aos alunos.

Os TCLE foram aprovados pelo comitê de Ética e Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão- PE sobre parecer N° 3.482.232. A pesquisa se desdobrou de acordo com as orientações da Resolução N° 466/2012 e da Resolução N° 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

A não participação na pesquisa se deu pelos que não preencheram os questionários, ou o fizeram de forma incompleta ao fim da etapa da pesquisa, sendo que nenhum caso ocorreu nessa pesquisa. Então participaram efetivamente dessa pesquisa, após os critérios de inclusão e não inclusão um total de 71 indivíduos. A figura abaixo simplifica as etapas da pesquisa:



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

O Produto desse trabalho se refere a uma Unidade Didática (UD) com conteúdo para Práticas Corporais de Aventura no Ensino Médio Integrado (EMI). As atividades propostas na unidade procuraram atender as competências gerais para o ensino médio, as competências específicas para Área de Linguagens e suas Tecnologias e Área da Educação Física, além das habilidades trabalhadas em cada competência. O quadro 2 abaixo mostra os conteúdos (atividades), as competências e habilidade trabalhadas nos planos de aula da unidade didática.



Quadro 2 - Competência e habilidades atendidas em cada aula.

Aula	Objeto do Conhecimento	Competências Gerais (CG)	Competências Específicas (CE)	Habilidades
1	Trilha Interpretativa	CG07	CE03	EM13LGG304 EM13LGG503
2	Corrida de Orientação	CG02	CE03	EM13LGG301 EM13LGG304
3	Slackline	CG08	CE03	EM13LGG301
4	Mountain Bike	CG10	CE03 e CE05	EM13LGG304 EM13LGG501 EM13LGG503
5	Arvorismo	CG07	CE03	EM13LGG303 EM13LGG304
6	Escalada	CG08	CE05	EM13LGG501 EM13LGG503
7	Rapel	CG10	CE05	EM13LGG501 EM13LGG503

Fonte: Adaptado pelo autor (BRASIL, 2018).

O produto foi aplicado somente após aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão- PE, feito sobre parecer N° 3.482.232. As aulas só aconteceram após a autorização dos responsáveis dos menores de idade participantes da pesquisa pela entrega dos TCLE. Houve autorização prévia da direção do Campus para acontecer as atividades por meio da “Carta de Anuência”.

O desenvolvimento das atividades de campo ocorreram do período de setembro a dezembro de 2019, onde no mês de setembro aconteceu a entrega e o recebimento dos TCLE. Simultaneamente a isso correu a construção dos ambientes para realizar as modalidades, como a trilhas e a parede de escalada.

De outubro a dezembro foram realizadas as atividades práticas. As aulas foram ministradas pelo professor (pesquisador) de educação física do Campus no período de contra turno dos educandos, onde a turma participante teve aulas ministrada separadamente em horários distintos, sempre no fim da tarde.

Para avaliação do produto educacional (Unidade Didática) foram aplicados aos alunos questionários semiestruturados contendo 8 questões abertas, visto que essas permitiram aos participantes maior liberdade para manifestação de suas ideias e opiniões, além de possibilitar o aluno citar suas experiências de forma mais subjetiva, pois algumas questões desse estudo estão relacionadas há sensações emocionais, dificuldades, experiências, opiniões, entre outras. Além disso o questionário continha questão referente a idade, gênero, curso e nome do aluno. Os questionários foram aplicados ao fim da execução da unidade didática.

Em relação as observações feitas pelo pesquisador (professor) foram feitas anotações nos diários de campo preenchidos ao final de cada aula. Os aspectos registrados pelo pesquisador nos diários são referentes a motivação, participação e relatos dos alunos, desempenho e suas dificuldades.

Também foram realizados registros fotográficos e vídeos durante as atividades para comprovação de realização da aplicação da UD e possíveis observações acerca do estudo. O registro das



imagens e vídeos foram previamente autorizados pelos indivíduos e seus respectivos responsáveis legais por meio do Termo de Autorização de Imagem.

O processo para análise dos dados seguiu as fases propostas por Bardim: pré-análise (sistematização das ideias correspondendo à leitura flutuante do referencial teórico); exploração do material (classificação e agregação das informações em categorias simbólicas ou temáticas); tratamento dos resultados, inferência e interpretação (captar conteúdos latentes nos materiais analisados) (BARDIM, 2004).

Os dados coletados foram analisados descritivamente utilizando as técnicas de Análise de Conteúdos Temático proposto por Bardim (2004). Seguindo essa técnica se fez a realização de classificações, estabelecendo categorias para tornar mais fácil a análise e interpretação dos dados coletado.

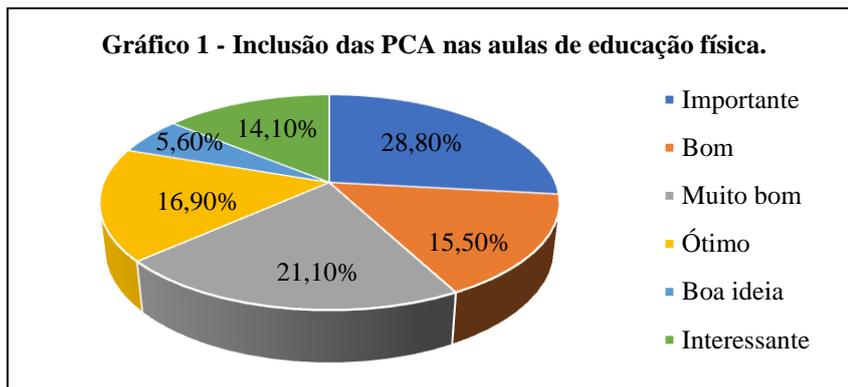
Após a leitura dos questionários buscou-se fazer uma codificação e categorização dos dados de forma a distribuir as informações em frequências e porcentagens. Isso foi feito para possibilitar uma melhor análise e compreensão das informações, procurando agrupá-las em unidades de representação do conteúdo. Esse estudo por ser também descritivo procurou fazer a distribuição dos dados para visualizar as informações sem prejuízo as categorias temáticas.

Também foi utilizado a Análise de Conteúdos Temático proposto por Bardim (2004) para a análise dos dados dos diários de campo, onde a análise dessas informações de deus de forma qualitativa. Após os dados contidos nos questionários serem categorizados por meio da análise de conteúdo, foram organizados e tabulados no programa estatístico IBM- SPSS versão 23, onde criou-se as tabelas de frequências e porcentagens. Os gráficos foram criados no Excel versão 2016.

## Resultados e discussão

Os resultados foram coletados a partir da leitura dos questionários respondidos pelos alunos ao final da aplicação do produto e também através dos diários de campo preenchido pelo pesquisador ao final de cada atividades. Foram analisados 71 questionários (568 questões), e 28 diários de campo.

A primeira investigação do estudo foi sobre a Inclusão das PCA nas aulas educação física. Para isso recorreu-se a primeira questão do questionário aplicado aos estudantes: 1) O que você acha sobre a inclusão dos conteúdos de Aventura nas aulas de Educação Física Escolar? Por qual (is) motivo (s)? Justifique.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

A partir do gráfico 1 percebe-se que uma grande quantidade de alunos, exatamente 28,80 %, relatam achar “Importante” a inclusão das práticas de aventura no ambiente escolar. Nota-se que é unânime entre os alunos o reconhecimento da proposta de inclusão das PCA, pois as categorias criadas demonstram aspectos positivos, como relatando ser “muito bom” (21,10%), “ótimo” (16,90%) e “bom” (15,50%).

Visto essa resposta, é importante ressaltar que o professor deve possibilitar aos alunos o acesso ao “[...] conhecimento em relação ao maior número possível de manifestações que compõem a cultura corporal de movimento e, neste caso, incluir também as práticas corporais que remetem à aventura” (TAHARA, 2017, p.103).

Percebeu-se que a busca por “novas experiências” foi o argumento mais utilizado pelos alunos para justificar a importância da inclusão das PCA, pois 21,1 % (N=15) dos indivíduos se encaixaram nessa categoria. A segunda categoria mais recorrente foi “aprender esportes novos”, com 18,3 % (n=13) e depois “fazer aulas diferentes” com 11,3% (N=8).

Apesar de ser um tema amplamente discutido em relação às práticas educativas ao ar livre e preservação ambiental, apenas 2 indivíduos (2,8%) relacionaram a inserção das PCA como uma questão de aproximação com a natureza.

Os demais indivíduos relataram que a inserção das PCA nas aulas de educação física permitirá desenvolver o preparo físico (8,5%), fazer aulas de cunho prático (5,6%), vivenciar aulas divertidas (5,6%), mudar a rotina das aulas (8,5%), participar de atividades empolgantes (5,6%) e vivenciar práticas com aventura (8,5%).

Visto isso, percebe-se que os alunos procuram engajar-se no “novo”, com novas atividades, novas experiências através de outros esportes. Demonstraram querer atividades mais lúdicas, com mais possibilidades, que sejam estimulantes para sair da rotina de aulas tradicionais, possibilitando ainda experiências nunca tidas, como sensação de aventura.

Essa afirmação pode ser vista nas colocações dos alunos:

A19: Acho importante a inclusão por que essa é uma boa estratégia para o rompimento com aulas rotineiras, dadas em sala.

A29: Acho muito bom, por que a inclusão de práticas com aventura diversifica as aulas, tornando-as melhores e mais divertidas.



A51: Acho interessante pois é um método diferente para as aulas, o que torna as aulas mais divertidas e menos cansativas pois aprendemos praticando.

A58: É uma maneira de integração dos alunos, de diversão, de aventura, superação de medos.

A71: Necessário, pois é uma aula diferente e inclui pessoas não gostam de futebol, vôlei, etc. E acaba sendo algo novo, ou seja, experiências novas.

A segunda investigação é acerca das possíveis experiências dos alunos com as práticas de aventura, se fazendo a partir da segunda questão: 2) Em suas aulas de educação física, você já fez uso do conteúdo das Práticas Corporais de Aventura (PCA)? Se “Sim”, quais práticas você já vivenciou?

As repostas mostraram que a maioria dos alunos, 94,4% (N=67) nunca tiveram experiências com as práticas corporais de aventura na escola. Apenas 5,6% (N=4) relataram ter vivenciado práticas de aventura, sendo que desses apenas o Aluno 53 relatou experiência real nas aulas de educação física com a prática do Parkour.

As PCA apesar de já serem citadas como conteúdo da educação física na BNCC (BRASIL, 2017) ainda estão pouco presentes no cotidiano escolar, e muitas vezes são superadas principalmente pela hegemonia dos esportes tradicionais. Trechos de textos das respostas dos alunos sustenta isso:

A 36: [...] minha educação física era a mais básica possível.

A37: Não, na minha aula de educação física o que mais tinha era jogos de futebol.

A65: Não, só vivenciei essas atividades agora no 3º ano do ensino médio.

“Nota-se que nas aulas de educação física no ensino básico existe uma predominância de determinados conteúdos trabalhados na escola, preferencialmente aqueles ligados às modalidades esportivas tradicionais (futebol, basquete, vôlei e handebol)” (TAHARA e FILHO, 2012, p. 62).

Outro ponto do estudo foi identificar se os alunos gostaram das atividades de PCA desenvolvidas durante o desenvolvimento da unidade didática. A pergunta foi: 3) Você gostou das práticas corporais de aventura propostas pelo professor de educação física no seu campus? Justifique. Ao analisar o percentual das respostas visualizou-se que 99% (N=70) dos alunos responderam “sim” para a pergunta e apenas N=1 indivíduo (1%) relatou “não” ter gostado das atividades, sendo que esse mesmo indivíduo não apresentou justificativa da sua resposta.

Sobre as justificativas apresentadas pelos alunos para terem gostado das aulas um total de N=24 indivíduos (34,3%) disseram ter gostado das práticas por permitir “novas experiências esportivas”, N=22 alunos (31,4%) disseram ser a “Diversão” o fator para ter gostado das atividades. Permite-se ainda identificar que as “aulas diferentes”, o “contato com a natureza”, a “superação do medo” e o elemento “interessante” são condições para os alunos terem gostado das PCA propostas na unidade didática. As respostas dos estudantes nos permitem esclarecer esses dados:

A4: [...] me proporcionou sensações diferentes, e foi muito divertido [...]

A58: [...] por conta da diversão e intensidade das aventuras.

A18: [...] proporcionou praticar novos esportes e conhecer sobre eles [...]

A10: [...] entramos em contato com a natureza.



As atividades de aventura despertam interesse dos estudantes por estimular a vontade em participar das aulas, criando novos desafios e favorecendo a relação interpessoal entre os alunos e deles em relação aos professores (TAHARA E DARIDO, 2016).

Ao introduzir as práticas corporais de aventura nas aulas “[...] possibilita-se aos estudantes a compreensão de que a cultura corporal não se limita aos esportes tradicionais e que também é possível experimentar uma Educação Física crítica e diferenciada na escola” (CORRÊA e GONÇALVES, 2016, p.6)

“Os esportes de aventura devem ser inseridos e trabalhados na escola numa dimensão que possibilite ao aluno no decorrer da educação básica reproduzir, transformar e partilhar as diversas formas de manifestações corporais que caracterizam a educação física como área do saber” (INÁCIO, 2017, p.180).

Ao investigar aspectos relacionados as sensações relatadas pelos alunos durante as PCA se fez a seguinte pergunta: 4) Quais sensações você sentiu durante as atividades de PCA?. Os dados mostram que a “adrenalina” foi a categoria mais recorrente entre as respostas, pois houve N=45 respostas nela. A segunda categoria com maior frequência de respostas é o “medo”, com N=32. Em seguida aparece a “aventura”, categoria com 24 casos. Além dessas, a ordem crescente de porcentagem das respostas apresenta-se da seguinte forma: “vertigem” (9,4%); “Euforia” (6,5%); “Alegria” e “Prazer”, ambas com 5,9%; Entusiasmo (4,7%); Aflição (4,1%); Nervosismo (3,5%); Cansaço (0,6%).

Os dados permitem inferir que a adrenalina seguida do medo e a sensação de aventura permearam como eixo norteadores das PCA, pois um grande quantitativo de alunos demonstrou isso.

Inácio (2017) também concorda com a ideia de que os esportes de aventura são carregados de aspectos motivacionais e tem como eixo norteador o risco e fortes sensações.

Tahara e Filho (2012) afirmam que essas atividades são geradoras de motivações e interesses diversificados entre os seus participantes, permitindo uma busca de diferentes sensações e emoções individuais, podendo essas serem compartilhadas com o grupo, como a percepção de liberdade, o ineditismo na vivência, a questão dos riscos sob controle, etc.

Outra investigação foi sobre possíveis dificuldades ao realizarem as atividades propostas pela unidade didática, se propôs então a seguinte pergunta: 5) Quais dificuldades/obstáculos, caso existiram, você sentiu na realização das PCA nas aulas?

A maiores dificuldades relatados pelos alunos foi o “equilíbrio”, com 15 respostas nessa categoria (21,1%), seguido da “altura” (19,7%), depois a “falta de condicionamento físico” (14,1%) e por último 8,5% das respostas foram o “manuseio dos equipamentos”.

É importante observar que apesar das dificuldades relatadas, um grande número de indivíduos relatou não que “não existiram” (33 indivíduos, cerca de 46,55% das respostas) dificuldades ou obstáculos na realização das atividades de aventura.

Tahara e Darido (2018) concordam que mesmo ocorrendo inúmeros empecilhos é preciso que as PCA subsidiem oportunidades e condições para sua inserção no contexto da educação física



escolar, pois essas abordagens curriculares propiciaram ao aluno a reflexão, o conhecimento e a vivência acerca desse conteúdo.

Por meio dos relatos dos alunos percebe-se que é necessário fazer algumas adaptações para melhorar o produto, pois é preciso diminuir os obstáculos impostos pelas práticas de aventura para se ter sucesso nas atividades.

“Realizar essas adaptações exigirá do professor compromisso com aulas diferenciadas e prazerosas, porém há que se dizer que o trabalho será árduo” (SEVERINO, PEREIRA e SANTOS, 2016, p.119).

Também o estudo pretendeu identificar a opinião dos alunos em relação as metodologias utilizadas nas aulas com conteúdo de aventura ministradas pelo professor (pesquisador), para isso a questão apresentada foi: 6) O que você achou da metodologia utilizada nas aulas com os conteúdos de aventura que você participou? Foi suficiente para que você aprendesse e praticasse de forma adequada? Justifique.

Muitos alunos avaliaram que as metodologias utilizadas foram “Legais” (20%), Interessantes (8%) e “Muito Bom” (28%). Já outros alunos sinalizaram que foram “Adequadas” (13%) e “Suficientes” (30%). Algumas justificativas dadas pelos estudantes podem ser vistas abaixo:

A5: Foi muito boa e divertido, sim ajudou na aprendizagem.

A8: Achei legal, agora posso praticar os esportes de forma adequada e segura.

A23: Achei bem organizado, de maneira que todos tiveram a chance de praticar, teve uma boa segurança.

A41: Muito legal, deu uma diferenciada. Sim aprendi muito, e gostaria de mais desafios e mais opções para a gente se divertir mais.

A51: Muito interessante a iniciativa do professor em tornar sua aula diferenciada, achei muito legal.

A58: Sim, todas as instruções foram passadas de maneira clara, o professor esteve o tempo todo supervisionando.

Partindo dessas colocações pode-se dizer que os alunos avaliaram as metodologias de forma positiva. Também se observou que as PCA despertaram a intencionalidade dos estudantes a participarem das práticas propostas. A diversão, como se pode ver no relato dos próprios alunos, foi um fator de predisposição para participação dos alunos nas PCA.

Sabe-se que essas atividades “[...] oportunizam momentos de alegria e emoção aos estudantes. Esses sentimentos levam os estudantes a desenvolver a intencionalidade em participar das práticas propostas” (FRANÇA, 2016, p.133).

Têm-se aqui a conclusão de que as metodologias utilizadas foram avaliadas de forma positiva pelos alunos, mostrando-se favorecer um melhor aprendizado e aumentando a intencionalidade de participação nas aulas de PCA.

Pretendendo saber qual foi a atividade de PCA que os alunos mais gostaram de praticar, se fez a pergunta: 7) Qual atividade de PCA você mais gostou? Por Que?

**Tabela 1 - Atividades de PCA que os alunos relataram gostar mais.**

Categorias	Respostas		
	Frequência	Porcentagem	Porcentagem de casos
Trilha interpretativa	16	21,3 %	22,5 %
Corrida de orientação	9	12,0 %	12,7 %
Mountain bike	3	4,0 %	4,2 %
Arvorismo	12	16,0 %	16,9 %
Slackline	9	12,0 %	12,7 %
Rapel	13	17,3 %	18,3 %
Escalada	13	17,3 %	18,3 %
Total	75	100,0 %	105,6 %

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Como pode ser visto na tabela acima, alguns alunos responderam ter gostado de mais de uma modalidade. Então a prática corporal que aparece com maior frequência é a “Trilha Interpretativa” com 22,5% das respostas. Em segundo lugar o “Arvorismo” foi a modalidade mais referenciada, com 16,9 %. O “Rapel” e a “Escalada” apareceram juntas em terceiro. A “Corrida de orientação” e “Slackline” também aparecem com frequência de casos iguais, com 12,7%. A “Mountain bike” aparecem apenas 4,2%.

A “trilha interpretativa” foi a mais contemplada no gosto dos alunos, nesse sentido vemos os relatos de alguns alunos na busca de entender por que essa causou tanto impacto e quais foram as contribuições dessa atividade para os alunos:

A1: A trilha, pois estava em contato com a natureza [...].

A2: Trilha, além de exercitar o corpo essa atividade conecta o aluno com a natureza.

A18: A trilha, por que o ambiente era agradável.

A26: A trilha pois foi a atividade que todo mundo participou.

Segundo Betrán e Betrán (2006 citado por TAHARA e DARIDO, 2014) as atividades físicas de aventura na natureza num âmbito educativo-pedagógico são capazes de permitir às crianças e adolescentes situações de grande importância pedagógica, pois ocasionam transmissão de valores, atitudes e normas, permitindo principalmente da aprendizagem de conceitos integrados e a realização de experiências motoras causadoras de um grande impacto emocional. Entende-se que essas atividades na natureza têm grande contribuição na formação dos estudantes.

A última pergunta feita foi: 8) Você mudaria alguma coisa na metodologia que o professor utilizou para melhorar o seu aprendizado das PCA nas aulas de educação física? Justifique. A grande maioria relatou não precisar serem feitas mudanças na metodologia das aulas de PCA aplicadas para facilitar o seu aprendizado, pois 80% dos alunos responderam isso. Já 20% respondeu que é necessário fazer mudanças na metodologia das aulas.

Através dessas respostas pode-se entender que os alunos julgaram ser insuficiente o “tempo” utilizado para as aulas de PCA, que foi de 60 minutos, sendo esse o fator relatado como sendo o principal item de mudança a ser feito nas metodologias propostas pela unidade didática.



## Conclusões

A A pesquisa mostrou que uma grande quantidade de alunos consideraram importante a inclusão das PCA nas aulas de educação física do ensino médio integrado. Percebeu-se que eles procuram engajar-se no “novo” para sair da rotina das aulas tradicionais, vivenciando experiências e emoções nunca tidas antes, como as sensações de medo e aventura.

Essa pesquisa concorda que as PCA são emanadas de fortes sensações, pois a adrenalina, medo, aventura, vertigem, alegria, euforia, prazer, entusiasmo, aflição e cansaço foram citadas pelos estudantes durante o decorrer das aulas. É importante ressaltar que apesar dessas dificuldades, um grande número de indivíduos relataram não terem existido nenhuma dificuldade ou obstáculo durante a realização das aulas, sendo um aspecto positivo na validação do produto e viabilidade de aplicação. Em relação as metodologias executadas pelo professor (pesquisador) podem-se afirmar que os alunos avaliaram de forma positiva.

A imprevisibilidade do ambiente em que aconteceu despertou a curiosidade e interesse dos alunos em explorar o novo local. A sensação de liberdade, a interação social, a descoberta de novos espaços da escola, a transmissão de valores, atitudes e normas impostas por essas modalidades também foram fatores importantes para despertar o interesse dos educandos.

Visto os caminhos percorridos nessa pesquisa, pode-se avaliar que a proposta de Unidade Didática de PCA foi bem aceita e validada pelos alunos e pelo pesquisador, garantindo grandes contribuições pedagógicas para a educação física, podendo ela ser tematizada e aplicada no Ensino Médio Integrado, cumprindo com as competência e habilidades propostas para essa etapa da educação básica.

Entende-se que se o professor de educação física tiver empenho e dedicação para aprofundar-se nos conteúdos, adaptar os locais e materiais, incentivar seus alunos, essa unidade didática poderá contribuir significativamente na formação integral do educando e para seu projeto de vida.

## Referências

ARAÚJO, Roberta Gomes de et al. A concepção behaviorista de Pavlov e Watson: implicações na educação profissional. *Semiárido de Visu*, Petrolina, v. 2, n. 7, p.108-123, 2019.

ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima et al. Práticas pedagógicas e ensino integrado. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 38, n. 52, p. 61-80, 2015. AVANÇOS E DESAFIOS. In: ARAÚJO, Adilson Cesar; SILVA, Cláudio Nei Nascimento da. *ENSINO MÉDIO INTEGRADO NO BRASIL: FUNDAMENTOS, PRÁTICAS E DESAFIOS*. Brasília-DF: LFB, 2017. p. 90-105.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.



BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2017.

BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho et al. educação física no ensino médio: possibilidades de ensino das práticas corporais (de aventura). *Corpoconsciência*, Cuiabá-MT, v. 3, n. 21, p.29-40, set. 2017.

ESCOTT, Clarice Monteiro; MORAES, Márcia Amaral Correa de. História da educação profissional no brasil: as políticas públicas e o novo cenário de formação de professores nos institutos federais de educação, ciência e tecnologia. In: IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”, 9., 2012, João Pessoa. Seminário. João Pessoa: UFPB, 2012. p. 1492 - 1508.

FRANÇA, Dilvano Leder de.. PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: AS POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL. 2014. 220 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

FRANCO, Laercio Claro Pereira; TAHARA, Alexander Klein; DARIDO, Suraya Cristina. PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NAS PROPOSTAS CURRICULARES ESTADUAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: RELAÇÕES COM A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. *Corpoconsciência*, Cuiabá-MT, v. 22, n. 1, p. 66-76, jan./abr., 2018.

FREITAS, Tamires Alvarado de et al. AVALIAÇÃO DA IMPLEMENTAÇÃO DE UM PROGRAMA DE PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. *ARQUIVOS em MOVIMENTO*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 4-16, jan./jun., 2016.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus et al. Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios - reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. *Motrivivência*, [S.l.], v. 28, n. 48, p. 168-187, jan. 2017.

PAIXÃO, Jairo Antônio da. ESPORTE DE AVENTURA COMO CONTEÚDO POSSÍVEL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. *Motrivivência*, [S.l.], v. 29, n. 50, p. 170-182, maio. 2017.

PAULA, Marcos Antonio Freire de; MACHADO, Alexsandro dos Santos. EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL: FORMAÇÃO PARA O TRABALHO OU PARA A CIDADANIA? In: SEMINÁRIO GEPRÁXIS, 6., 2017, Vitória da Conquista - Bahia. Anais [...] . Vitória da Conquista: UESB, 2017. v. 6, p. 3007 - 3027.

PEREIRA, Dimitri Wou et al. JOGOS DE VERTIGEM: possíveis intervenções pedagógicas. *Rev. Bras. Educ. Fís. Escolar*, São Paulo, v. 2, p. 109-121, 2017.



RAMOS, Marise Nogueira. História e política da educação profissional. Curitiba: IFPR, 2014. 121 p.

SANTANA, Wilma Santos de. Caderno Temático Educação Física: corrida de orientação. Apucarana: UEL, 2013. 21 p.

SEVERINO, Antônio Joaquim; PEREIRA, Dimitri Wu; SANTOS, Vinicius Sampaio Feitoza dos. Aventura e educação na base nacional comum. Eccos- Rev. Cient., São Paulo, n. 41, p. 107-125, set./dez. 2016. DOI: 10.5585/Eccosn41.6954.

SOUSA, Dandara Queiroga de Oliveira; ARAÚJO, Alysso Carvalho de. ASPRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: O QUE O ESTADO DA ARTE NOS DIZ. Licere, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 72-110, jun. 2016.

TAHARA, Alexander Klein; CARNICELLI FILHO, Sandro. A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física. Arquivo de Ciências do Esporte, Uberaba, v. 1, n. 1, p.60-66, 2012.

TAHARA, Alexander Klein; DARIDO, Suraya Cristina. PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA. Conexões, Campinas, SP, v. 14, n. 2, p. 113-136, jun. 2016.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. Métodos de pesquisa em atividade física. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski; SOUZA JUNIOR, Antonio de. A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL. Interacções, Campo Grande, Ms, v. 1, n. 40, p.152-169, 2016.